

RESENHA DE TESE

A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES EM ESCOLA ITINERANTE DO MST NO NORTE DO PARANÁ

Silvia Piedade de Moraes¹

ZANATTA, L. F. **A sexualidade de adolescentes em escola itinerante do MST no norte do Paraná.** 2013. 331 f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Educação e Saúde na Infância e Adolescência. Universidade Federal de São Paulo, 2013.

A dissertação de mestrado “A sexualidade de adolescentes em escola itinerante do MST no norte do Paraná” defendida por Luiz Fabiano Zanatta pela Universidade Federal de São Paulo, aponta um paradoxo ideológico instigante: a luta pela liberdade, democracia e direitos nem sempre se concretiza dentro dos movimentos sociais organizados.

Em sua pesquisa, o autor explora por diversas vezes a relação que a palavra trajetória elucida em seu campo pessoal e de pesquisa. Pelos referenciais teóricos que escolhe, o que mais tarde reforça suas conclusões, vai paulatinamente mostrando que o trajeto feito pelos sujeitos em seus contextos (locais, sociais, econômicos, familiares, culturais, etc) são de fato constructo e construtor das diferentes formas de ser e viver.

Adotando referenciais teóricos pautados na linha da “construção sócio-histórica” o autor causa também um rompimento interessante quando discute a adolescência um pouco mais distante das teorias do desenvolvimento. Deixa claro que a especificidade de seus participantes – adolescentes de 12 a 18 anos que vivem em acampamentos do MST – têm aspectos diferenciais que merecem destaque. Sem perder de vista a adolescência como inquietação, problematiza as formas, impac-

tos e as (des)ordens dos acontecimentos neste período da vida.

O primeiro elemento que a pesquisa desconstrói é o de que no seio de um movimento hegemônico e altamente organizado como o MST, a liberdade e a igualdade possam ser pensadas também para suas relações interpessoais internas. Ao que a dissertação indica, a sexualidade não é reconhecida como política e as relações de gênero como poder. Ainda fundadas numa organização patriarcal, o Movimento atua em uma superfície rasa nestes aspectos, sobretudo aos voltados à sua tarefa de educação em sexualidade.

O rigor metodológico que o autor apresenta e sua opção por estar próximo de seus participantes, enfatiza sua imersão e entrega ao estudo. Ao destacar a Teoria das Representações Sociais como campo “guiador”, claramente opta por dar voz aos adolescentes de diferentes formas – ora ouvindo, ora observando, ora deixando falar, ora deixando surgir gestos e conteúdos afetivos subjetivos.

Quatro aspectos são fundantes de toda a pesquisa: 1. a adolescência e a sexualidade como construção social; 2. o peso das concepções de uma família patriarcal; 3. as assimetrias de gênero não problematizadas e; 4. a concepção organiza-

1. Doutoranda em Educação e Saúde na Infância e Adolescência – UNIFESP. E-mail: silviapmoraes@hotmail.com

cional do MST como geradora de vulnerabilidades.

O estudo divide-se em cinco capítulos em que as teorias, a metodologia e a análise dos resultados se entrelaçam de forma a dar corpo às conclusões. No primeiro, apresenta a concepção de adolescência problematizada a partir da Psicologia sócio-histórica. No segundo capítulo, amplia sua discussão de adolescência e seus desdobramentos sobre as construções de gênero, corpo e sexualidade. No terceiro, apresenta uma realidade quase invisível para grande parte da sociedade, a organização do MST e suas escolas itinerantes. Neste também, apresenta as inúmeras especificidades de seu contexto local. Em seguida, explora cada passo metodológico enfatizando o rigor científico e no último capítulo faz a integração das concepções e seus resultados.

A forma como organiza e relaciona as concepções referenciais e “seus achados” facilita a compreensão. Na apresentação de seus resultados e a discussão que propõe, demonstra de forma didática sua conclusão organizada em quatro blocos: o conceito de sexualidade para os adolescentes, os agentes da informação em sexualidade, os comportamentos afetivo-sexual dos adolescentes e as práticas sexuais e ainda destaca que as vulnerabilidades e as assimetrias de gênero perpassaram todas estas questões.

O autor enfatiza que as normas disciplinares ao comportamento dos adolescentes produzem mais vulnerabilidades que fatores de proteção. Imersos em uma concepção patriarcal, as relações de gênero são desiguais e fragilizam as adolescentes não só diante de sua sexualidade, mas na ocupação dos espaços de socialização.

A regulação da sexualidade se dá no campo da escola itinerante como historicamente se consolidou na educação brasileira: biologizada e fragmentada em abordagens pontuais.

Embora esta não seja de fato a intencionalidade do estudo, os paradoxos entre a constituição dos movimentos sociais no Brasil e a relação interna entre

seus membros surgiu repetidamente, apontando distanciamento entre a concepção global e midiática e seus desdobramentos internos.

A organização rígida fortalece o conjunto do movimento, mas fragiliza liberdades individuais; propõe-se estudos políticos-ideológicos, mas não vê a sexualidade como uma destas possibilidades; problematiza as relações de poder na sociedade, mas não no interior do movimento (adultos – adolescentes, homens–mulheres, etc.); critica a organização hierarquizada da sociedade, mas reproduz o sentidos da família patriarcal; exige direito ao acesso aos bens culturais, mas atua com a ausência da educação em sexualidade; fortalece a crítica social, mas fragiliza as críticas internas.

Considero estas questões apresentadas no estudo como paradoxais, porém as reconheço como historicamente marcadas no país. Não é o MST, assim como não são os centros urbanos marcadores destes paradoxos. Nesse sentido, retomo a opção do referencial teórico desta pesquisa como histórico-social para enfatizar que somos e estamos todos ainda engendrados na era vitoriana que enquadrou o sexo e a sexualidade em adjetivos um tanto quanto emaranhados de tabus, mitos e crenças.

Termino com um trecho do título que agora não tem mais pretensão de provocação, mas a de um pedido. “Liberdade (para pensar a sexualidade) ainda que tardia”!

Silvia Piedade de Moraes

Contatos com o autor da dissertação:
lfzanatta@uenp.edu.br; lfzanatta@hotmail.com